

## AS MULHERES DE “OS SERTÕES”<sup>(\*)</sup>

José Calasans

Afrânio Peixoto, em 1911, ao ingressar na Academia Brasileira de Letras, revelou que Euclides da Cunha declarara, certa feita, com jactância, que as mulheres não apareciam nos seus livros. Ouçamos as próprias palavras do romancista baiano referindo-se ao autor de **Os Sertões**: “Não escreveu de um regato, de um crepúsculo, canto de pássaro ou capricho de mulher. Jactou-se mesmo, uma vez, de não haver em todos os seus livros, uma só destas criaturas”<sup>1</sup>.

A revelação de Afrânio Peixoto, anunciada há quase meio século, ainda não mereceu, ao que nos conste, estudo, ou simples comentário objetivo, embora o comportamento de Euclides da Cunha diante de outro sexo já tenha sido encarado por alguns estudiosos de sua vida. Propomo-nos, agora, perquirir o tema, procurando situá-lo dentro no campo específico das nossas pesquisas - as páginas de **Os Sertões**.

Observamos, inicialmente, que nenhum nome, documento ou data foi invocado por Afrânio Peixoto em abono de sua assertiva. Tudo quanto ficou, em verdade, como ponto de partida para estudo e debate do assunto em apreço, foi uma simples referência encaixada num discurso de fino lavor literário. Teria mesmo Euclides da Cunha afirmado que o elemento feminino não figurava nos trabalhos de sua autoria? Por que o teria dito com jactância? Desagradaria, porventura, ao notável escritor, a presença das filhas de Eva no bojo dos seus livros? Ou teria Afrânio Peixoto, em vista de certas premissas, concluído que deveria ser aquele o pensamento do vigoroso publicista brasileiro? Não estamos em condições de responder às perguntas formuladas. Queremos, apenas, suscitando as

---

<sup>(\*)</sup>Publicado in CALASANS, José. *No tempo de Antonio Conselheiro*. Salvador: Livraria Progresso / Universidade da Bahia, 1959. p. 7/23.

<sup>1</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Poeira da Estrada*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1947. p. 37.

questões, ressaltar, desde logo, a posição do próprio Euclides, talvez envolvido em situações que não criou. Não antecipemos, porém, as nossas conclusões. As reações de Euclides da Cunha em face do belo sexo, conforme assinalamos anteriormente, têm sido consideradas por alguns dos seus críticos e biógrafos. Uma vida sem amor, vazia de afeição feminina, proclamam todos eles. Francisco Venâncio Filho, constatando a ausência de cartas de amor na sua correspondência, admitiu que “ele decerto não as escreveu”<sup>2</sup>. Carlos Chiacchio, por seu turno, concluiu que Euclides não tivera um amor, faltando-lhe, portanto, “esse oásis de ternura para os voos repousantes das canseiras”<sup>3</sup>. No mesmo sentido formou Gilberto Freyre opinando, em penetrante ensaio: “Como tantos brasileiros do tempo do Império – o próprio Imperador talvez – e dos seus dias de homem feito parece que o próprio Rio Branco – Euclides da Cunha foi um indivíduo que nunca se completou em adulto feliz ou personalidade madura e integral, a quem a colaboração doce ou inteligente, ou simplesmente a inspiração constante de uma mulher, tivesse acrescentado zonas de sensibilidade, de compreensão e de simpatia humana, que o homem sozinho não percorre senão angustiado; ou não percorre nunca”<sup>4</sup>. Sílvio Rabelo, o maior dos seus biógrafos, também focalizou a posição de Euclides da Cunha em frente ao sexo feminino, escrevendo: “O amor de mulher, que não encontrou na mãe, morta quando pequenino, não encontrou em ninguém – nem naquela a quem se ligara por toda vida, nem em amante ou simples namorada. A presença do outro sexo nada acrescentava ao homem seco e triste que ele era, em conforto pessoal, em gosto do mundo, em pletora de vida. O outro sexo, ele o trazia narcisicamente em si mesmo. Não se conhece nenhum gesto, palavra ou apenas olhar que indicasse a ternura do homem saudável pela mulher ou pelas mulheres que fosse encontrando pelo caminho”<sup>5</sup>. Em que pese a autoridade do

---

<sup>2</sup> VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha a seus amigos*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1938. p. 9.

<sup>3</sup> CHIACCHIO, Carlos. “O grande mal”. *Jornal de Ala*, Bahia, v. 2, n. 3, 1940.

<sup>4</sup> FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio, 1938. p. 106.

mestre Sílvio Rabelo, parece-nos que não devemos continuar colocando em termos tão negativos as relações de Euclides com o belo sexo. É possível respigar, aqui e ali, alguma coisa no sentido de modificar o rigorismo do seu comportamento. Vamos encontrar, por exemplo, numa carta a Domício da Gama, o autor de **Contrastes e Confrontos** a falar, quixotesicamente, em defesa de mulheres. Comunicando ao amigo que tomara partido ao lado da Bolívia contra o Peru, disse: “É uma das minhas quixotadas. Constituí-me, para satisfazer à índole romântica, um cavaleiro andante da Bolívia contra o Peru. Por que? Talvez porque a Bolívia... é mulher”<sup>6</sup>. Também encontramos-lo a dizer galanteios. Em casa do major Solon Ribeiro, quando lá apareceu pela primeira vez e avistou aquela que seria sua esposa, rabiscou, num pedaço de papel, estas palavras: “Entrei aqui com a imagem da República e parto com a sua imagem”<sup>7</sup>. Dir-se-á, contudo, que semelhantes manifestações são esporádicas na vida do publicista, sempre pouco propenso ao envolvente encanto das mulheres, de certo modo uns fantasmas para ele. Nos últimos anos de sua vida, segundo depoimentos de Coelho Neto e Firmo Dutra, corroborados por uma carta do próprio Euclides a Alberto Rangel, havia um fantasma feminino, “a dama de branco”, a persegui-lo, frequentemente, roubando-lhe muitas vezes o sono, quase sempre agitado, inquieto<sup>8</sup>.

Uma existência como a de Euclides da Cunha, tão pobre de amor e tão vazia de mulheres, haveria de refletir, necessariamente e de modo especial, na sua atitude de escritor em face do mundo feminino. Não tendo sido autor de obra de ficção que lhe permitisse a liberdade de criar suas mulheres, delas fazendo o que bem quisesse, a Euclides da Cunha restou, apenas, o direito de interpretar a

---

<sup>5</sup> RABELO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: C.E.E., 1948. p. 453.

<sup>6</sup> VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Op cit.*, p. 191.

<sup>7</sup> PONTES, Eloy. *A vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio, 1938. p. 106.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 319.

seu modo as personagens femininas que foram surgindo na área dos estudos históricos e sociais que lhe coube investigar. Ora, de um modo geral, os temas versados por Euclides da Cunha não davam ensejo ao surgimento de mulheres. Problemas políticos, assuntos geográficos, questões internacionais, aspectos econômicos, que constituem a grande maioria dos seus escritos, não são, está claro, setores propícios à presença de representação do chamado sexo frágil. Do exposto, poder-se-ia concluir que a declaração atribuída a Euclides da Cunha seria perfeitamente lógica e coerente. A ausência de mulheres na obra euclidiana estaria plenamente justificada. Estudioso objetivo, trabalhando com o material que lhe vinha às mãos, Euclides não seria obrigado a forçar a inclusão do belo sexo nos ensaios que publicou. A aceitação da tese, porém, não pode ser definitiva. Somos levados a pensar, em vista de certos fatos, que houvesse mesmo de sua parte a intenção de afastar as mulheres. A hipótese ganha terreno com o caso de Castro Alves. Duas vezes, primeiro na Academia Brasileira de Letras e depois no Centro Onze de Agosto, Euclides da Cunha falou do grande condoreiro, seu patrono na Casa de Machado de Assis, sem dar importância à vida amorosa do romântico defensor dos escravos. Sentimos que havia o desejo de fugir deliberadamente de enfrentar o assunto, que parece claro no trecho seguinte da conferência pronunciada em São Paulo, sublinhemos, perante a mocidade acadêmica: “De ordinário, quando se trata da vida exterior de Castro Alves, episodiam-se, longamente, os seus triunfos nos salões, ou nos teatros da época, onde lhe prefulgia a beleza varonil realçada pela glória nascente. Ou então a rivalidade boêmia com aquele extraordinário Tobias Barreto, que sendo mestiço se tomava mais brasileiro do que o poeta baiano, se a sua veemente alma tropical não resfriasse sob as duchas enregeladas de quatro ou cinco filosofias da Alemanha. E agitam-se a propósito algumas anedotas inexpressivas e graciosas, em que se entrouxam as saias de Eugênia Câmara e a túnica da mulher de Putifar. Não nos percamos por aí”<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> CUNHA, Euclides da. *Castro Alves e o seu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907. p. 24.

E mudou de rumo. Talvez, realmente, não quisesse as mulheres nos seus livros. Não as deixaria nem mesmo na companhia de Castro Alves, cuja exuberante vida sentimental contrastava, flagrantemente, com o modo de ver e de sentir do seu ilustre crítico. A diferença existente entre os dois, sobretudo em face do mundo feminino, certamente influenciou para que Euclides da Cunha se mostrasse reticente no entendimento do vate, no famoso discurso de posse da Academia de Letras. Tese sugestiva, sem dúvida alguma, para discussão e debate, se não fosse outro o caminho que teremos de palmilhar. Marchemos, pois, para **Os Sertões**.

É na obra famosa que se tornam visíveis aos olhos dos pesquisadores as mulheres de Euclides da Cunha. Causa pena vê-las. Estão terrivelmente marcadas, duramente estigmatizadas. São feias, megeras, bruxas, viragos, zanagas. Uma autêntica caqueirada humana, que o autor parece ter tido o prazer de debuxar. Há, todavia, naquele imenso deserto de beleza, um “rosto formosíssimo”, aclarado por “uns olhos grandes e negros”, verdadeiro oásis de graça feminina. Documentemos as afirmações.

No drama de Canudos, ou mais exatamente, no drama de Antonio Conselheiro, Euclides da Cunha vislumbrou três mulheres. A primeira, Helena Maciel, tia do “Santo Conselheiro”, participante direta e ativa nas lutas renhidas que os Maciéis de Quixeramobim sustentaram contra os poderosos Araújo dos sertões cearenses. Helena, que um velho cronista da terra de Iracema chamou de Nêmesis da família, era um estranho tipo de mulher, terrível pelo seu espírito de vingança, pela infernal capacidade de urdir tocaias. A segunda, a mãe do Conselheiro, acusada pela tradição popular de ter levado o filho a matar a própria esposa, representava o tipo tão mal compreendido da sogra. Envolvida nas teias de uma lenda arrepiadora, Maria Joaquina de Jesus, falecida quando o futuro milagreiro era ainda uma criança, ficou, nas crônicas de Canudos, injustamente julgada. A terceira, prima e mulher do chefe carismático do Belo Monte, de vida irregular e leviana, afinal abandonada pelo marido em

conseqüência de sua notória infidelidade. A respeito das três mulheres não nos disse Euclides da Cunha nada de importante. Limitou-se a registrar o que ouvira ou lera, considerando, porém, na existência singular do peregrino cearense, que a “mulher foi a carga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios”<sup>10</sup>. Atribuiu, então, ao “Santo Conselheiro”, como resultante da desgraça conjugal, uma atitude de permanente repulsa diante da beleza feminina, identificando-o, neste passo, com os seguidores de Montanus. “A beleza”, escreveu Euclides, “era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro extremou-se mesmo no mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros”<sup>11</sup>.

Acreditamos que não será despropositado indagar, terminada a literatura do trecho acima, se na imputação feita ao Bom Jesus Conselheiro não estaria também o biógrafo se projetando no pensamento do biografado? Talvez houvesse uma semelhança de atitude diante da “face tentadora de Satã”...

Ao lado das três mulheres, isoladamente apresentadas, que Euclides não conheceu, vamos, agora, focar, numa visão de conjunto, o mundo feminino sertanejo, visto realmente pelo escritor. Necessitamos, porém, primeiramente, indagar onde, quando e em que condições viu Euclides as mulheres de Canudos.

Chegando à Cidade do Salvador, como correspondente do **Estado de São Paulo** e integrando o estado-maior do marechal Machado Bittencourt, ministro da guerra, a 7 de agosto de 1897, Euclides da Cunha permaneceu na capital baiana até o último dia do mês, quando partiu para o teatro de operações. Durante o tempo em que esteve na velha cidade, freqüentou os jornais, visitou

---

<sup>10</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 160.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 170.

hospitais e quartéis, colhendo notas, ouvindo militares e civis e até mesmo o jaguncinho trazido pelo coronel Carlos Teles - de todos procurando saber notícias da guerra e dos costumes sertanejos. Nada registrou, nas reportagens enviadas ao seu jornal, no decorrer dessa primeira fase, a respeito das mulheres de Canudos. Somente a 3 de setembro, na então vila de Queimadas, um dos centros de operação contra os conselheiristas, avistou o jovem jornalista um grupo de prisioneiras. Este primeiro contato com as jagunças estaria fadado a ter influência no processo de elaboração do grande livro. “Acabam de chegar, há meia hora”, escreveu o repórter da gazeta paulista, “nove prisioneiras; duas trazem no seio crianças de poucos meses, mirradas como fetos; acompanham-nas quatro pequenos de três a cinco anos”. E logo adiante: “Das mulheres, oito são monstros envoltos em trapos repugnantes, fisionomias duras de viragos de olhos zanagos ou traiçoeiros. Uma, porém, destaca-se. A miséria e as fadigas cavaram-lhe o rosto mas não destruíram a mocidade; a formosura ressurgiu, imortal, a despeito das linhas vivas dos ossos apontando duramente no rosto emagrecido e pálido. Olhos grandes e negros em que se reflete uma tristeza soberana e profunda”. “Satisfez a curiosidade dos circunstantes contando uma história simples; uma tragédia em meia dúzia de palavras; um drama quase banal agora, com o epílogo obrigado de uma bala certa de Manulicher ou estilhaço de granada”<sup>12</sup>. Na mesma localidade e no mesmo dia, um outro homem de imprensa, Lélis Piedade, viu igualmente as pobres mulheres e deu notícia do encontro aos leitores do **Jornal de Notícias**, de Salvador, diário dirigido por Aloísio de Carvalho, o velho. “O fato mais interessante de minha visita de três horas”, contou ele, “tanto quanto me permitiu o tempo, foi o de uma conversação com um grupo de jagunças que vieram presas para aqui. Nove mulheres, algumas mal encaradas, feias, verdadeiras fúrias. Três ou quatro simpáticas, entre as quais uma Isabel de tal, clara, rosada, e amamentando uma criancinha de cerca de três meses, a que deu à luz por ocasião do célebre

---

<sup>12</sup> CUNHA, Euclides da. Canudos. *Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 69.

combate de Cocorobó”<sup>13</sup>. No dia seguinte voltou Lélis Piedade a procurar as míseras mulheres, escrevendo: “Fui ter de novo com as 9 prisioneiras. A Isabel (uma que se julgava princesa) é um tipo completo do brasileiro legítimo. – Olhar seguro, penetrante e bonito, rosto fino e cor de cobre, cabelos negros e abundantes, dentadura alva e correta, cheia de espírito enfim. As provações e a imundície, porém dão-lhe um aspecto singular. Há uma outra Isabel, uma verdadeira desgraçada e digna de dó, muito simpática. Amamenta uma criancinha muito terna”<sup>14</sup>.

É expressiva, sem dúvida alguma, a circunstância de os dois homens encararem, diferentemente, as jagunças de Canudos, destacando Euclides, do grupo, apenas uma, enquanto Lélis Piedade falou, simpaticamente, de três ou quatro. Julgamos, porém, tomando por base os traços descritos pelos jornalistas citados, que devemos identificar em Isabel, “de olhar seguro, penetrante e bonita”, a moça formosa, de “olhos grandes e negros”, exaltada por um homem pouco expansivo nas manifestações sobre o belo sexo, como era Euclides da Cunha. A beldade de Queimadas não iria ficar arquivada nas colunas do jornal paulista. Tendo, de feito, impressionado Euclides da Cunha, ela ganharia a honra de figurar, embora anonimamente, nas páginas imortais de **Os Sertões**. Naquele por assim dizer museu de fealdade, repleto de bruxas rebarbativas e megeras esqueléticas, o “rosto formosíssimo” de Isabel, duas vezes focalizado, ganha para nós um sentido especial. Encontramo-la, pela primeira vez, de modo indeterminado, na reconstituição admirável da cerimônia diária das orações, quando o arraial fatídico ficava concentrado em torno do “Santo Conselheiro”, com o agrupamento das mulheres invariavelmente separado do grupo masculino. “Ali estavam”, inicia Euclides a descrição, “gafadas de pecados velhos, serodidamente penitenciados, as beatas – êmulos das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta, lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as

---

<sup>13</sup> PIEDADE, Lélis. *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia*. Bahia, 1901, p. VI.

<sup>14</sup> *Idem*, p. IX.



*solteiras*, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, soltas na garridice sem freios; as *moças donzelas* ou *moças damas*, recatadas e tímidas; e honestas mães de família, nivelando-se pelas mesmas rezas”. E prossegue: – “FACES murchas de velhas – esgrouviados viragos em cuja boca deve ser um pecado mortal a prece; – rostos austeros de matronas simples, fisionomias ingênuas de raparigas crédulas, misturavam-se em conjunto estranho”. Mais ainda – “Todas as idades, todos os tipos, todas as cores”. E depois – “Grenhas maltratadas de crioulas retintas, cabelos corredios e duros de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas, embaralhavam-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor, o toucado ou a coifa mais pobre. Nos vestuários singelos de algodão ou chita, deselegantes e escorridos, não havia lobrigar-se a garridice menos pretensiosa: um xale de lã, uma mantilha ou um lenço de cor, atenuando a monotonia das vestes encardidas quase reduzidas a saias e camisas estraçadas, deixando expostos os peitos cobertos de rosários, de verônicas, de cruces, de figas, de amuletos, de dentes de animais, de bentinhos ou de nômimas encerrando *cartas santas*, únicos atavios que perdoava a ascese exigente do evangelizador. Aqui, ali, extremado-se a relanços naqueles acervos de trapos, um ou outro rosto formosíssimo, em que ressurgiam, suplantando impressionadamente a miséria e o sombreado de outras faces rebarbativas, as linhas desta beleza imortal que o tipo judaico conserva imutável através dos tempos. Madonas emparceiradas a fúrias, belos olhos profundos, em cujos negrumes afuzila o desvario místico; fronte adoráveis, mal escampadas sob os cabelos em desalinho, eram profanação cruel afogando-se naquela matulagem repugnante que exsudava do mesmo passo o fartum angulhento das carcaças imundas e o lento salmear dos benditos lúgubres como responsórios ...”<sup>15</sup>.

“O perfil judaico” e os “olhos grandes e negros” reaparecem, depois, constituindo uma exceção no meio de “mulheres repugnantes”. O quadro de Queimadas,

---

<sup>15</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 199.

novamente. “As mulheres eram”, diz Euclides, “na maioria, repugnantes. Fisionomias ríspidas, de viragos, de olhos zanagas e maus. Destacava-se, porém, uma. A miséria escavara-lhe a face, sem destruir a mocidade. Uma beleza olímpica ressurgia na moldura firme de um perfil judaico, perturbados embora os traços impecáveis pela angulosidade dos ossos apontando duramente no rosto emagrecido e pálido, aclarado de olhos grandes e negros, cheios de tristeza soberana e profunda”<sup>16</sup>.

Em Monte Santo, a sete de setembro, deparou Euclides outras mulheres. Não eram mais jagunças prisioneiras; estava diante de vivandeiras, depois descartadas por um outro participante da guerra fratricida, o poeta Francisco Mangabeira, da ínclita geração dos Mangabeiras da Bahia. O correspondente do ***Estado de São Paulo*** não as olhou com ternura, nem sequer com simpatia, vendo naquelas companheiras dos soldados apenas uma “multidão rebarbativa de megeras esqueléticas e feias na maioria”<sup>17</sup>, ponto de vista que confirmaria em ***Os Sertões***, ao dizer que as vivandeiras eram “bruxas, de rosto escaveirado e envelhecido”<sup>18</sup>.

Bruxas, megeras, viragos, mulheres repugnantes surgem sempre. Defronte de Canudos, o jornalista conversou com duas novas prisioneiras, mãe e filha, sendo a “primeira, esquelética, esquelética e repugnante e a segunda, mais forte, de feições atraentes”<sup>19</sup>. E quando Antonio Beatinho, nos derradeiros dias da luta, conseguiu trazer para o acampamento legal um grande contingente de fanáticos, as mulheres eram “velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escavadeiras e sujas”, delas sobressaindo “uma

---

<sup>16</sup> *Idem*, p. 523.

<sup>17</sup> CUNHA, Euclides da. *Canudos. Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 77.

<sup>18</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 484.

<sup>19</sup> CUNHA, Euclides da. *Canudos. Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 92.

megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra – a velha mais hedionda talvez destes sertões - a única que alevantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como faúlhas, olhares ameaçadores”<sup>20</sup>.

Euclides também viu, no Quartel General da campanha, uma sertaneja de “gesticulação incorreta, desabrigada e livre”. Denominou-a “um virago perigoso”; acrescentando – “aquela mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa agourentando a vitória próxima – foi degolada...”<sup>21</sup>. Certamente não estava de acordo com a medida extrema adotada, que condena nas entrelinhas, mas concordava que a infeliz era uma bruxa, um virago. Devia ser também uma megera, classificação que atingia até as próprias santas. No santuário do Belo Monte havia imagens de “Marias Santíssimas, feias como megeras...”<sup>22</sup>.

Terminado o desfile das mulheres na obra-prima de Euclides da Cunha – podemos formular algumas conclusões. Em primeiro lugar, temos que considerar destituída de fundamento a suposta declaração do escritor negando a presença do elemento feminino nos seus livros. Depois, embora reconhecendo a situação anormal da comunidade estudada, apontar uma evidente tendência do autor no sentido de assexuar as mulheres focalizadas nas suas páginas coloridas e fortes. E, finalmente, tendo em vista o episódio de Queimadas, sugerir aos intérpretes da vida e da obra de Euclides da Cunha, neste ano em que se passa o cinquentenário do seu trágico desenlace, uma revisão no estudo do seu comportamento face ao belo sexo, para que não se generalize a suposição de que ele era absolutamente incapaz de ver e admirar as mulheres encontradas na jornada fatigante de sua vida.

---

<sup>20</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 603.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 568.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 185.